

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO:

Liberaes e antiliberaes em religião, pelo P.º Senna Freitas.—SECCÃO RELIGIOSA: *Protesto dos Barbanitas ao presidente da Republica*.—SECCÃO SCIENTIFICA: *Ainda a perversão philosophica*, pelo P.º Chrispim Caetano Ferreira Tavares.—SECCÃO CRITICA: *O «Partido do Povo» e Emilio Castellar*, por Elias Sampaio.—SECCÃO HISTORICA: *Lucrecia Borgia e o «Dictionario Popular»* (continuação).—SECCÃO LITTERARIA: *Victor ou Roma nos primeiros tempos do Christianismo*, pelo P. F. Gay, tradução do P.º Lima (continuação).—SECCÃO BIBLIOGRAPHICA, por F. de Guimarães.—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.—*A' caridade dos nossos assignantes*.—*Expediente*.

GUIMARÃES 15 DE NOVEMBRO DE 1880

LIBERAES E ANTILIBERAES EM RELIGIÃO

Os principios capciosos, mas inadmissiveis de 89, inaugurados pela celebre Assembléa Nacional, revolucionaram as ideas politicas, mudaram os codigos das nações, deram uma orientação diversa á sociologia do seculo XIX e repercutiram a sua sinistra influencia no proprio gremio da Igreja Catholica.

In limine me apresso a dizer, que não se entenda por este periodo inicial que eu condemne absolutamente ou por todas as faces a obra da revolução. Com os archi-orthodoxos Chantrel e Cantu reconheço e confesso que algo util produziu ella, maxime sob o aspecto civil, administrativo etc. E' no terreno philosophico-social que a repillo e lhe descubro o virus, é na Carta das suas liberdades paradoxaes que lhe encontro a civa.

A plena liberdade de pensamento, de consciencia, de cultos, de imprensa foi o parto abortivo de homens, que, clamando a soberania da razão individual, pretenderam sustentar que ella era a arbitra unica de si mesma; de homens que, perfilhando, como corollario do principio precedente, o livre exame, fizeram da religião uma especie de creação subjectiva, uma questão de mera consciencia independente de toda a revelação objectiva; que, tomando, por consequente, o culto como a manifestação publica de uma opinião religiosa, concluíram logicamente que elle devia ser livre, e finalmente, que, guindando a intelligencia á plana de uma autonomia sagrada como a divindade, liberrima em todas as expansões

das suas ideas, boas ou pessimas, estabelecera a plena liberdade da imprensa, como órgão e complemento d'essa liberdade intellectual.

E tão santo, de verdade, tão indiscutivel é o principio da liberdade, que a nova philosophia social, apezar de hyperbolica, apezar de desordenada, chegou a illaquear muitos homens, aliás de elevadissima esphera e singular illustração, das fileiras do catholicismo. Sem o quererem, sem o saberein, sem nem mesmo o pensarem, deixaram-se contagiar pela corrente perniciosa das ideas revolucionarias que tenham a apoderar-se de todos os espiritos, e pretenderam amalgamar elementos entre si tão incombinaveis como liberalismo e catholicismo.

Creio que as suas intenções primitivas eram rectissimas. Se arvoraram a auriflamma d'esse liberalismo catholico não foi, certo, para infirmar a vitalidade da Igreja ou para entregar a desprestigia-la nas mãos dos seus antagonistas como Judas entregou seu Mestre. Não. O pensamento d'elles era nobre, o seu intuito era o do soldado que, lançado no meio das nuvens de fumaça, desfecha inconsciente contra os seus proprios camaradas, sem atraiçoar porém, nem a sua bandeira, nem o seu campo, nem a sua causa. Creio-o sem receio de errar. Longe das suas vistas estava admitir os principios liberaes da Revolução na accepção, na extensibilidade, e segundo a mira fallaz dos seus iniciadores. Nenhum peito se defrontou mais corajoso e christão ás perfidas interpellações dos deputados anticatholicos que o de Montalembert no parlamento de Paris.

Nenhuma pena affirmou com mais convicta vehemencia a santidade da sua fé e a auctoridade da Igreja que a de Ozanam.

Nenhum verbo sacerdotal reflectiu nos esplendores de uma eloquencia mais insinuante, mais irresistivel e transportada a missão divina e a acção humana, civilisadora, da Igreja que o de Lacordaire em Notre Dame.

Mas esses homens entendiam que a liberdade religiosa no Estado livre aproveitava mais ao catholicismo que o protectorado do Estado; entendiam que, embora erroneas, todas as opiniões eram respeitaveis, porque todas as convicções o devem ser. Entendiam que para reclamar a liberdade dos outros era forçoso conceder-lh'a primeiro. Entendiam que todos os cultos deviam ser acatados, porque não é licito impôr pões á consciencia e violentar crenças.

Nada aparentemente mais verdadeiramente; mas *in cauda venenum*.

Em principio, a protecção do Estado é tão necessaria á Igreja como a união do corpo com o espirito para as operações d'este. As convicções são dignas de respeito em quanto presuppõem a boa fé, mas o erro, em quanto erro, não tem direito ao respeito. Quanto á liberdade, seria loucura nivellar sob uma e a mesma linha a liberdade do bem e a liberdade do mal, e pelo que concerne aos cultos, o respeito igual para com todos elles equivale a identificá-los sob a mesma qualificação de verdadeiros ou de falsos, o que é simplesmente a indiferença em materia religiosa. (Ocioso é dizer que eu não trato agora aqui das modificações que as circumstancias de tempos e logares podem fazer soffrer a estes principios).

Seduzidos por taes theorias fascinadoras, se bem que falsas em facto de um exame maduro, dotados de um grande fundo de generosidade de sentimentos não equilibrado pelos annos e pela experiencia dos homens, prosegui-

ram os liberaes nas suas tentativas de conciliação entre o Estado e a Igreja, formaram eschola, e conseguiram a adhesão de muitos espiritos.

Pouco e pouco foi-se evidenciando a impossibilidade de quejanda conciliação perante governos radicalmente hostis ao catholicismo, apesar de hypocritos nos seus gestos, e pari-passo foi diminuindo a sinceridade dos que sustentavam o liberalismo philosophico. Começou o espirito de systema e o capricho, primo coirmão do orgulho, a substituir a defeza imparcial da verdade. Duas arenas estavam em face uma da outra, a ultramontana e a liberal, e ambas lançavam projectis nos territorios alyersos. Aggravava-se a lucta com prejuizo da união christã, da edificação dos fieis, a da mesma religião. De parte a parte, a virulencia da linguagem invalida a área sagrada da caridade.

A providencial dogmatica do *Syllabus* poz termo á polemica. Pio IX condemnou os principios do liberalismo doutrinal. N'esse documento por todos os lados importante, o papa evoca, estygmatisando-o, o programma completo das doutrinas theologico-politicas, que em diversas epochas e por diversos coriphceus do pensamento livre, desde Mirabeau e Grégoire até Cavour e Louis Blanc, haviam sido propaladas, doutrinas, digo, que tendiam nada menos que a combalir, a arrojjar mesmo as bases das noções theologicas da Igreja catholica, e, se assim posso dizer, a rasgar de meio a meio a sua constituição social.

Houve então um momento de agonia inexprimivel em uns e um terrivel accesso de indignação exasperada em outros. Os propugnadores emeritos das liberdades catholicas, humilhados por este acto do papado, viugaram-se do *Syllabus* pela opposição á infallibilidade. Viram-se velhos campeões do poder temporal da Santa Sé emigrar, por um sentimento de represalia, para o gallicanismo, chegando inclusivamente a tornar-se conniventes na politica anti-romana de certos Estados, so por ventura a não acorçavam.

Viram-se então os Guéraults do «Siècle», os Abouts da «Opinion Nationale», os Coquerel do «Globe», protestar a berros, em nome da opinião hyper-liberal que representavam, contra as fulminações do *Syllabus*, percorrendo magistralmente toda a escala chromatica das *amabilidades* de soalleiro nas phrases que dirigiam ao chefe supremo da Igreja. E ainda hoje, a proposito de tudo e de cousa nenhuma, appareceu por aqui e por alli nos escriptos turbulentos dos paladinos da imprensa revolucionaria, algumas allusões fugitivas e rancorosas, semelhanças a ladridos in-

tercoortados de uma sanha d'outra, ainda não sedada.

Todavia, entre os nossos correligionarios, onde certamente havia mais erro que pertinacia, parece ter-se cimentado a união nas intelligencias, por isso que do coração adherem ao centro da unidade doutrinal, e que para elles toda a causa cessou desde que *Roma locuta est*. Oxalá que identica união se realice nos corações e não se limite a uma mesura de respeito que de bom grado se faz para escusar o abraço da amizade. E' certo que divergencias sobre o liberalismo já não transparecem entre os catholicos genuinos. Se algumas se notam, é na questão das fórmulas métra e exclusivamente politicas, na questão das sympathias por taes ou taes governos considerados *em these*, o que não tem nada com o liberalismo, uma vez que essas fórmulas ou a sua acção pratica não invadam a esphera da acção e dos direitos da Igreja de Jesus Christo.

Onde o liberalismo ainda subsiste, ora com todas as suas hypocrias de protecção, ora com todas as suas affectações desleaes de liberdade para todos, é na phalange dos livres pensadores. Não illudem a ninguem de bom senso. Pode dizer-se d'elles o que me dizia *in illo tempore* o meu lente do francez, quando eu lhe enfileirava razões para um feriado: «*commu!*»

Não obstante, convem preservar-nos de dois extremos contrarios. Uns veem catholicos liberaes *por toda a parte*, e tractam-os como se fossem mais perigosos que todos os atheus, materialistas, e blasphemos somnados, multiplicados e ainda por cima dynamizados até á vigesima gradação. E' o espirito de partido levado á demencia. Estes taes não terão no fundo do chumbreiro um bola de gaio para ferir na aza alguma harpia da imprensa athea, mas chumbo de lobo nunca lhes falta para crivar até ao cerebello os suspeitos de liberalismo. Não insiramos, por nossa conta e risco, enxertos d'essa seita na doutrina de certos catholicos, para servirem de objectivo aos nossos rompantes ultra-orthodoxos. Bastam-nos os inimigos reaes sem que seja preciso crear espectros. Seria exigencia impertinente reclamar dos que entre elles são leigos a rigorosa precisão theologica que, ás vezes, nem nos ecclesiasticos se encontra. N'este sentido dizia com toda a razão aquelle sympathico e admiravel padre Olivain, da Companhia de Jesus: «tenhamos o amor, mas não o *domiquizotismo* da exactidão doutrinal».

O outro extremo consiste em negar a existencia de um certo liberalismo mais ou menos christão, mais ou menos racionalista, por onde tanto mais pernicioso. Ello existe, inutil é negal-o, existe, com quanto pretenda tornar-se

intangivel como a enrediga da vasa, e offerça mais faces que Jano.

Se os denunciados de liberalistas que-rem provar que cossaram de sel-o ou que nunca o foram, declinem as suas profissões de fé explicitas, não se concentrem em silencias que justificam commentarios; não pretendam, consoante se exprime o eminente padre Caussete, colher a popularidade do seu liberalismo perante o mundo e os benesses do seu catholicismo perante a Igreja, acabem por uma vez com os *qui pro quo*; trabalhem na grande obra da paz e da união catholica, confessando a verdade, e não tapando-nos a bocca em nome da mansidão. Assim se realisará em toda a sua força, ao menos no gremio da Igreja, a divina aspiração do Redemptor: *unum ovile, unus pastor*.

PADRE SENNA FREITAS.

Secção Religiosa

A perseguição religiosa em França

Protesto dos Barbanitas ao presidente da Republica

Snr. presidente:

A' hora em que costumamos celebrar o Santo Sacrificio da Missa, apresentaram-se esta manhã em nossa casa os agentes da força publica, para sellar as portas da nossa capella e intimar-nos a ordem de expulsão.

Uma tal violencia, snr. presidente, ainda que auctorizada pela lei, é condemnada seguramente pela justiça, por isso que não foi motivada por acto algum da nossa parte, que mereça reprehensão. E demais, snr. presidente, atrevemo-nos a dizel-o, nós tinhamos direito á protecção ou pelo menos á consideração do governo francez.

Ha vinte e tres annos que entramos em França, com o fim unico de evangelisar e socorrer aos pobres italianos, cujo numero, só em Pariz, se elevava a trinta mil, e desde logo fomos bem acolhidos pelos poderes publicos, e pela cidade de Pariz que, applaudindo o nosso projecto de levantar uma capella no novo bairro que acabava de fundar, nos cedeu de bom grado o terreno em que construimos a nossa casa.

O melhor exito tem coroado nossos esforços. As sympathias que achamos por toda a parte, as esmolos que havemos colhido, e os recursos pessoas por nós sacrificados com prazer, tem feito com que possamos alimentar e consolar a grande numero de familias pobres, cujo unico amparo eramos infelizmente.

Evitando com o maior cuidado o en-

tronnetter-nos nos assumptos publicos

do paiz, havemos consagrado todo o nosso zelo na propagação da palavra de Deus, gloriando-o com o brilho de nossas ceremonias. Houve, porém, um momento em que sahimos da nossa reserva; foi durante a epocha das desgraças da França. Esquecemos então que eramos estrangeiros, para nos consagrarmos a ella como que fôra nossa patria. Então, muitos d'entre nós se agregaram, como capellães, aos diversos corpos do exército francez, e tanto isto é verdade, que um d'elles, italiano como nós, recebeu, como recompensa de seus serviços, carta de naturalisação do governo do snr. Thiers.

A nossa casa, esta casa d'onde hoje somos expulsos, foi por nós transformada em hospital onde recolhemos e tratamos como irmãos os vossos soldados feridos. Os vossos agentes que invadiram nossa morada terão visto, ao penetrar no locutorio, a cruz e o diploma de honra com que a Sociedade Internacional de Soccorros nos feridos nos premiou os serviços que prestamos durante a guerra.

Ah! Crêde-o, snr. presidente, que é bem contra vontade que recordamos tudo isto; mas a injustiça que se nos faz e a necessidade de nos justificarmos, assim o exigem.

Como premio da nossa abnegação, da nossa fidelidade á França, não só se confisca esta capella, propriedade privada nossa; mas até somos arrojados de nossa casa, e o que mais é ainda, somos, sem motivo por pretexto, expulsos brutalmente do territorio francez como que fossemos malfeitores. Contra isto protestamos com toda a energia de nossa alma.

Esta injuria, que não mereciamos, snr. presidente, nem a mesma *Communio* se lembrou fazer-nos, e mais, como sacerdotes, tinhamos direito aos seus golpes, porém curvou-se diante de nós como estrangeiros que eramos. O nosso domicilio foi respeitado, continuou aberta a nossa capella, e o Santo Sacrificio da Missa não deixou de celebrar-se n'ella durante esses terriveis dias. Hoje, porém, esse titulo de estrangeiros, longe de proteger-nos, é uma arma nas mãos do vosso governo, para mais cruelmente nos ferir, estando nos casos, por isso, os vossos ministros, de receberem lições de moderação e equidade d'aquelles homens, cujos crimes encheram de horror o mundo inteiro.

Sahimos de França, snr. presidente, com o coração despedaçado, pensando nas boas obras que havíamos empreendido, nos soffrimentos e nas miserias que vão ficar privadas dos nossos soccorros e consolações; porém ao mesmo tempo, anima-nos, n'esta prova, a estimação e o affecto de tantos francezes generosos,

aos quaes nos achamos unidos pelos sagrados vinculos da fé e da caridade.

Não, não é a França christã que nos expulsa, snr. presidente. De longe, como de perto, permaneceremos fielmente consagrados a ella, e não deixaremos de rogar a Deus que a livre de novas perseguições e novas desgraças.

Recebei, snr. presidente, a expressão do nosso respeito.

Luis Ferrari, Bernabita.

Pablo Ranzuzi, Bernabita.

Carlos Moro, Bernabita.

Ignacio Pica, Bernabita.

Pariz 16 de outubro de 1880.

Secção Scientifica

Ainda a perversão philosophica

Espanta vôr o zelo satânico com que certa gente procura espalhar entre nós as obras mais detestaveis escriptas nos paizes estrangeiros.

Uma d'essas obras tem por titulo—*Teoria de la immortalidad del alma y de las penas y recompensas de la vida futura*, por D. Juan Alonso Eguilaz.

Depois de termos mostrado quanto é hedionda a obra mencionada e depois de havermos respondido á objecção fundamental e ao unico argumento de Eguilaz que offerece alguma apparencia de força, julgamos util segui-lo em outras objecções; objecções que se baseam ou em um falso supposto ou em idéas equivocadas e inexactas acerca da doutrina que pretende combater. Assim, por exemplo, quando diz que as penas do inferno «não resultariam proporcionadas, pois que sendo necessariamente cada condemnado mais ou menos culpavel que os restantes, tendo cada um um grau especial de culpa, todos elles padeceriam um castigo illimitado;» ha aqui um sophisma manifesto, ou ignorancia completa da doutrina catholica. Porquanto esta doutrina ensina que ainda que as penas dos condemnados sejam eguaes emquanto á duração, isto é, emquanto a não ter fim, não são todavia eguaes emquanto á qualidade ou intensidade, a qual é proporcionada e se acha em relação com a qualidade e numero das culpas: pois por ventura faltam a Deus meios e poder infinito para que a natureza e intensidade dos supplicios sejam diferentes em cada sujeito e correspondentes á qualidade de seus peccados?

Não é mais solida a objecção que o mencionado Eguilaz propõe nos seguintes termos: «Quem é tão presumptoso, ou para melhor dizer, tão ridiculamente estúpido e imbecil, que julgue merecer uma dicta sem fim por alguns actos virtuosos verificados no transitio d'esta

existencia terrenal? Ao lado d'esses actos virtuosos não terá commettido faltas? Não terá caído em extravios? Se contarão pois seus meritos e não seus erros... E o mesmo com relação ao extremo opposto. Ainda que um homem tenha commettido muitos delictos durante sua fugaz existencia n'este mundo, será justo castigal-o com penas perpetuas? Não terá experimentado jámais esse homem um impulso de piedade, de generosidade, de caridade, de benevolencia?... Porém apezar de tudo isso é preciso que só se sommem seus erros, não é verdade? Oh! cumulo de barbarie e de loucura! Até aqui Eguilaz.

O que sim é o cumulo da barbarie e da loucura é pretender desterrar do coração dos homens os sentimentos religiosos e a verdade catholica, origem de verdadeiras consolações e de verdadeira felicidade n'esta e na outra vida, desfigurando seus principios e seu ensino. O que sim é *ridiculamente estúpido e imbecil*, é attribuir á religião catholica doutrinas que ella repelle e levantar objecções sobre tal base. Em que livro de theologia catholica leu o snr. Eguilaz, que ao homem que consegue a gloria por morrer em estado de graça e amizade com Deus, não lhe sejam tomadas em conta suas faltas, seus erros e extravios? Em que livro de theologia leu que ao que morre em peccado mortal só lhe sejam sommados seus erros? Quando negou a theologia catholica que o homem reprobado não tenha experimentado jámais *um impulso de piedade, de generosidade, de caridade, de benevolencia*, como insinua este theologo de nova data? O que ensina a theologia catholica é:

1.º Que a morte em estado de graça e caridade divina é a condição imposta por Deus para conceder ao homem a gloria ou felicidade eterna, e que pelo contrario a morte em estado de peccado mortal, e por consequente de offensa e inimizade actual com Deus, traz consigo a privação eterna da posse de Deus e os castigos proporcionados á gravidade e numero das culpas não perdoadas durante esta vida, que é o estado marcado pela Providencia para merecer e desmerecer o tino final:

2.º Que quaesquer que sejam as faltas e peccados que um homem tenha commettido, emquanto permanece n'esta vida pode obter o perdão d'elles por meio do sacramento da penitencia:

3.º Que este perdão dos peccados em quanto á culpa moral e ao reato da pena eterna que lhe corresponde, não impede que a justiça divina exija a satisfação conveniente por meio de actos bons e meritorios, e por meio de tribulações e penas padecidas, ou n'esta vida ou na futura; e precisamente sobre

esta exigencia da justiça divina se baseia a necessidade e existencia do purgatorio:

4.º Que aquelles que estão em peccado não só podem experimentar impulsos de piedade, generosidade, etc., mas até praticar actos bons e virtuosos na ordem natural, se bem que não são meritorios da gloria, porque carecem da graça, que é o principio e a raiz do merito sobrenatural em proporção ou relação com aquella gloria:

5.º Que Deus não castiga o condemnado no inferno pelos impulsos virtuosos ou pelos actos bons que fez em estado de peccado n'este mundo, senão pelas culpas ou peccados que leva consigo ao passar á vida futura:

6.º Que Deus longo de sommar só os erros e extravios do reprobado, premeia n'esta vida com bens temporaes e até com bens espirituas as boas obras que executam. Eis aqui em resumo o que sobre esta materia ensina a theologia catholica, e o que o snr. Eguilaz devera ter presente antes de escrever a passagem que acima transcrevemos, para não attribuir nem explicita nem implicitamente á religião catholica doutrinas e afirmações que não lhe pertencem. (1)

No artigo passado promettemos mostrar a perfidia de Eguilaz nas citações que faz dos Padres da Igreja.

Este desgraçado sophista pretende fazer crer a seus leitores que os Santos Padres até Santo Agostinho não criam na eternidade das penas do inferno: o que é falsissimo.

Ja no primeiro seculo da Igreja escreveu S. Clemente de Roma que ás almas dos impios mais lhes valeria não serem immortaes visto que hão de ser punidas com fogo inextinguivel: *Immortales omnes animae sunt et impiorum, quibus melius foret non incorruptilibus esse: nam poena sempiterna ab inextinguibili igne punita, etc.*

Tertuliano e Minucio Felix, anteriores tambem a Santo Agostinho, nos fallam, o primeiro da magnitude do tormento dos condemnados, o qual não sómente é mui duradouro, mas tambem sempiterno: *pro magnitudine cruciatu, non diuturni, sed sempiterni*: o segundo affirma terminantemente que os tormentos dos condemnados não terão termo: *nec tormentis, aut modus ullus, aut terminus.*

S. Justino e Santo Ireneu ensinam abertamente o mesmo dogma, sendo notaveis por sua clareza e energia as palavras do primeiro sobre esta materia, pois fallando do demonio escreve: *Quem in ignem esse mittendum cum exercitu ipsius et hominibus, qui eum sequuntur,*

in aeternum puniendos, Christus ante significavit.

Quizemos fallar da obra de Eguilaz e mostrar o veneno que contém porque sendo annunciada por um jornal portuense de alguma auctoridade é muito possivel que alguém tivesse a lembrança de a comprar julgando-a instructiva.

Do que deixamos dito se vê que nada tem de instructiva: pelo contrario está recheada de erros e de sophismas.

Não concluiremos sem declarar que no nosso artigo anterior a este, publicado no n.º 23 do *Progresso Catholico* do segundo anno da sua publicação, houve um descuido que precisa rectificação.

A nota (1) que se encontra na pagina 267 debaixo da 1.ª col., devia encontrar-se na pag. 266, debaixo da 2.ª col.

Não foi ao theologo Caetano, o celebre commentador de S. Thomaz que quizemos qualificar de impudente e cynico, pois não merece taes qualificativos, mas sim a Eguilaz.

A um trecho que transcrevemos de Eguilaz (e que logo em seguida refutamos apoiando-nos na auctoridade de S. Thomaz e de Caetano) é que quadra o epiphonema: *«Que impudencia! Que cynismo!»*

P.º *Christim Caetano Ferreira Tavares.*

Secção Critica

O «PARTIDO DO POVO»

E

EMILIO CASTELLAR

Por varias vezes temos dito que gostavamos, e eramos até amigo de Emilio Castellar, e hoje, o que são as cousas terrenas, temos de dar provas publicas do nosso arrependimento, por assim julgar do grande tribuno hespanhol. E arrependemo-nos, porque, no *Partido do Povo*, jornal republicano, e que devera conhecer o seu correligionario melhor do que nós, que em campo bem distincto militamos, lemos o seguinte:

«Vão-se atinal desenganando os republicanos portuguezes de que Castellar, o famoso linguareiro que deu com a republica hespanhola em pantana não passa de um sujeito muito ordinario.

Nós ha muito que não confiavamos em Castellar, e nunca confiaremos em sujeitos, que prégando a doutrina democratica, forem na sua vida intima a completa negação d'esso grandioso principio: Castellar é o republicano que despedirá immediatamente o creado que se esquecer do lhe apresentar um bilhete n'uma salva de prata!

Um apologista da realza despresando os preceitos da democracia compre-

hende-se, e póde mesmo desculpar-se, mas um republicano aristocrata como o snr. Castellar é um typo ascoroso, desprezível, repugnante.»

Safa! Quem nos dera haver ás mãos todos os escriptos em que fallavamos do grande orador. No que nós fomos cahir! Dizer que gostavamos de Castellar, que eramos seu amigo, quando o *Partido do Povo* diz que elle é um sujeito muito ordinario, um typo ascoroso, desprezível, repugnante! Que vergonha, meu Deus!

Um sujeito muito ordinario! Nada! Não pode ser! O *Partido do Povo* ou está enganado, ou então Castellar, para merecer as iras dos republicanos de cá, deve ter subido a uma altura a que elles não podem chegar.

Procuremos informações. Transponhamos, sem nos affastar da nossa banca, as fronteiras de Portugal, e cavalemos com algum distincto jornalista da nação visinha. Seja o snr. Fernandez Bremon o cavalheiro a quem primeiro nos dirijamos, e escutemos o que elle nos diz na *Crónica General da Ilustracion Española y Americana*:

«Espalhou-se por toda a imprensa hespanhola, e não tarda que se espalhe tambem pela de todo o mundo, uma noticia estranha para alguns, desagradavel para muitos, e agradabilissima para nós por sua importancia e porque de ha muito a previamos. Dom Emilio Castellar, rodeado de seus amigos, ouviu com grande devoção uma missa em Alcira; acto publico este que, desprezada a significação particular, na qual ninguem tem direito de intervir sem que queira intrometer-se em questões de consciencia, tem um interesse singular, por ser, em nossa opinião, a rectificação de aquella famosa phrase, cujo texto não podemos repetir, mas que vinha a significar, que na lucta entre a fé e a liberdade havia optado pela ultima. Optará agora pela primeira? O que nos parece mais natural e menos violento é suppor que uma e outra podem e devem viver juntas; e que é isto, sem duvida alguma, o que previa o notavel orador, se deprehende do seu magnifico discurso, ultimamente pronunciado e largamente commentado.

O snr. Castellar bebera nos peitos de sua mãe christã demasiado sentimento religioso para que, ao sacrificar a fé, não ficasse em seu coração esse fundo de tristeza, essa nostalgia do passado, que padecem as grandes intelligencias, quando se aliam pelas alturas do pensamento em busca da verdade. A experiencia da vida devera fazer-lhe ver, de um modo patente e claro, o quanto é limitadissima a liberdade na prática de todas as cousas; pois que a mais larga phantasia se conhece preza nos limites estreitos do que

(1) Veja-se Zeferino Gonzalez, *Estudios Religiosos*, tom. 1, pag. 217.

conhece e respeita, sem que possa galgar as fronteiras do desconhecido, do mysterioso.

O snr. Castellar deixou a fé pela liberdade, e, como havíamos previsto, esta o conduz suavemente para a fé. A sua eloquencia arrebatadora, que se elevava mais e mais ao recordar as grandezas do catholicismo, ao descrever os seus templos, suas obras de arte, a virtude e a sciencia de seus mais illustres filhos; a poetica tristeza ou o ardente enthusiasmo de aquelles parographos sublimes, claramente demonstravam, que não eram para o orador recursos poeticos, mas antes fecundos mananciaes de calor e de luz, que brotavam de seu coração e illuminavam seu entendimento.

O snr. Castellar, ajoelhado ante o altar, quando este acto de humildade contrasta com o espirito de soberba que hoje prevalece no mundo, e quando esta acção publica havia necessariamente produzir um clamor desagradavel em meio de seus inimigos, parece-nos que eleva assás sua figura. Volva, pois, essa grande intelligencia á communhão a que tem pertencido, e pertencem tantos gigantes do pensamento, que com alegria o veremos regressar, todos nós que com pezar o vimos partir.

Em nome de todos os opprimidos se ha excitado o sentimento dos povos; e o avivar esses nobres impulsos, tem merecido as antipathias de todos os perseguidores. A França commette hoje o grande erro politico e humano de combater, do altar do poder, o catholicismo; mas vae vendo os primeiros frutos da sua obra: o orador mais inspirado de todas as tribunas democraticas volve as costas aos perseguidores e prostra-se ante os altares.

Isto agora é outro fallar! Bem nos queria a nós parecer que o auctor da *Irmã da Caridade* havia feito alguma picardia aos republicanos da *Occidental praia lusitana!* E fez! Que sujeito tão ordinario!... Ajoelhar-se ante um altar a assistir a uma missa! Tem razão o *Partido do Povo!* Um homem que vae á missa, que entra na igreja, a não ser para commetter alguma irreverencia, para profanal-a com actos que a má educação aconselha, é o *typo mais ascoroso, mais desprezivel, mais repugnante*, que se pode imaginar.

Disse muito bem collega!

Estes democratas de agua doce tem cousas! Quando algum da *Irmã* lhe foge, elles como o não podem seguir, por que estão presos ao lodo, principiam a gritar de longe, e a dar mostras de que não querem nada com taes sujeitos.

Já este conceito fazia d'elles Proudron, quando dizia: «Tomar por credo o tinteiro, especular com a immundicie, procurar estocadas e pescar em aguas

turvas, calumniar aquelles que se não podem intimidar ou seduzir; eis o que tem sido em todos os tempos a politica dos democratas.

.....
A democracia, por fim de contas, não trata senão de satisfazer seu egoismo, quero dizer, o egoismo de seus directores, agentes e afilhados, os quaes não formam, como imagina o vulgo, um partido politico, mas um bando ou pandilha.»

Ahi fica a opinião d'un grande revolucionario ácerca da democracia, opinião que nós julgamos verdadeira em face do que a dita acaba de praticar.

ELIAS DE SAMPAIO.

Secção Historica

LUCRECIA BORGIA

z o

«Diccionario Popular»

(Continuação)

D'isto não se póde concluir, que não fosse censuravel o nascimento dos filhos de Roderico Borgia; que elle estivesse legitimamente casado com Julia e que não se ordenou senão depois da morte d'esta mulher. E' só provavel, que, sendo beneficiado ecclesiastico, casasse secretamente a fim de evitar todas as censuras, que se poderiam fazer.

Se se não admittre isto, que explicação naturalmente o procedimento de Alexandre VI, é preciso acceitar hypotheses, que nos levam de absurdos em absurdos. Os inimigos de Alexandre pintam-no como homem de rarissima prudencia, que, durante annos, procurava enganar nas contas os cardeaes, andava pelas ruas de Roma de olhos modestamente baixos, passava os dias a visitar as igrejas, mosteiros e hospitales, e praticando toda a especie de boas obras; e querem fazer-nos acreditar, que este hypocrita, que este homem tão manhoso e tão prudente, e que desde muito se preparava para subir ao throno pontificio com a apparencia de todas as virtudes, tivera por muitos annos commercio illicito com uma mulher, levára-a consigo para toda a parte, reconhecera os filhos publicamente e á face do ceu, e elle mesmo publicára a sua ignominia e fizera alarde de seus escandalos! Que contradicções no mesmo homem! que loucura! que incrivei cynismo! Dizem que elle procurava impor-se aos cardeaes com fingida piedade e que reconhecía ao mesmo tempo os filhos bastardos, é julga-o idiota, e suppor que os leitores tambem o são. Os inimigos de Alexandre VI,

querendo provar muito, tem destruido suas pretendidas provas; as suas absurdas contradicções reduzem a pó o seu testemunho.

Aos leitores de boa fé, que ainda não estejam disposto a acreditar em tamanhas calumnias, diremos com a *Revista de Dublin* (1): «O que é verdade a respeito de Alexandre VI é que bem poucos escriptores conhecem este assumpto. A maior parte da gente contenta-se com seguir a tradição; entre um milhão de pessoas não ha uma que pense em fazer um estudo sério. Os poucos que o têm feito, reconheceram a falsidade das accusações; e não só as julgaram falsas, mas até têm reconhecido que não ha o menor motivo de lhes dar credito. E' provavel que nunca houvesse menos pretexto para crer a calumnia do que em relação a Alexandre VI. Feito cardeal por um piedoso e veneravel Pontifice, foi pelo prudente e habil Xisto IV, e em circumstancias criticas, nomeado legado do Papa para Hespanha, seu paiz natal e onde devia ser bem conhecido o seu character; foi ao mesmo tempo enviado á França para identica missão o célebre cardeal Bersarião, julgado pelos escriptores protestantes o cardeal mais sabio e mais eloquente, e tambem o mais piedoso e discreto, homem, cujo procedimento foi sempre conforme com a sua dignidade. E' pois crível que o mesmo habil e assisado Pontifice mandasse ao mesmo tempo e para igual missão um devasso, um homem absolutamente depravado? E se é justa a ideia que ordinariamente se faz de Alexandre VI, estava elle então no meio da sua vida viciosa, na força da vida, em plena posse das honras, do vigor e do poder! Mas isto não é tudo. Tinha um rival, um rival invejoso da sua fortuna, o cardeal de Pavia, que se empenhava em conhecer-lhe bem o procedimento, que desejava exercer a honrosa missão de que elle fôra encarregado, e que tontava prejudical-o, diffamando-o. E que disse elle? O que se tem dito de Beaufort, de Wolsey, de Leão X, dos prelados mais distinctos d'aquella epocha; todos, como elle, eram accusados de luxuria, ambição, etc., mas tudo eram vagas imputações, destituidas de provas positivas. Foi isto precisamente vinte annos antes de ser eleito Papa; por conseguinte, Cesar e Lucrecia, se realmente são filhos d'elle, já eram nascidos então, e os que o accusam de depravação, dizem que, exactamente n'aquella epocha, era ella notoria, publica e de todos conhecida!

E' pois evidente, que a simples confrontação dos factos e datas destroe a calumnia; os calumniadores de Alexan-

(1) Artigo já indicado.

dre VI, como as testemunhas perjuras, o Papa não foi menos perverso, nem tem-se excedido muito; querendo provar muito e ultrapassando o seu fim, tem por si mesmos afastado de si a confiança, que poderiam inspirar. O proprio Voltaire viu claramente através das mentiras d'elles; zombou da credulidade dos que acreditavam em suas narrações contradictorias. Coisa notavel! ainda ha catholicos que as acreditam; ha catholicos, que se fiam ainda com admiravel tenacidade n'estas falsas tradições de que até os incredulos se riem!»

Está pois demonstrado que, se Alexandre VI teve os cinco filhos, que lhe attribuem, foi muito antes de ser Papa, antes de ser ordenado, e de legitimo casamento. Nem na mocidade nem na virilidade praticou nada, que nos dê indícios de qualquer devassidão ou immoralidade.

Nós, com a *Revista de Dublin*, ouzamos ir mais longe, dizendo que não ha certeza de serem seus filhos Cesar, Lucrecia e os outros. E' factio incontestavel que não se ouviu fallar nunca da sua paternidade, senão depois de ter com o seu energico governo provocado a explosão da inimidade, supposto devesse ser publica e notoria pelo menos vinte e cinco annos antes. Quando Cesar foi elevado ao cardinalato, attestaram testemunhas com juramento, que o pae de Cesar e de Lucrecia era outro, que não Alexandre, provavelmente o irmão d'este Pontifice. Poderá dizer-se que estas attestações eram falsas, que as testemunhas perjuraram; mas é certo que ninguem o disse então, e é temeridade regeitar os depoimentos jurados por causa das asserções contrarias, feitas depois pelos interessados. E' sabido, que n'aquelles tempos calamitosos costumavam os Papas escolher algum parente, a maior parte das vezes um sobrinho, homem energico e de talento militar, para dirigir a defeza dos dominios pontificios contra os Estados ambiciosos, que os cercavam e procuravam constantemente invadir-os. Era tambem uso dos Papas chamar *filho* a estes parentes, e é provavelmente esta a unica base, em que o espirito do odio apoia as suas calumnias. Não pretendemos, note-se bem, que Cesar não era filho de Alexandre VI; diremos só, que se pôde duvidar d'isso; muitos Pontifices, tidos universalmente por bons e santos, tem soffrido identicas calumnias, podendo-se por isso não acceitar uma paternidade, que se baseia unicamente nas asserções de historiadores inimigos de Alexandre VI.

Alguns inimigos de Roderico Borgia até o tem calumniado pelo que fizeram os filhos ou suppostos filhos, Cesar e Lucrecia Borgia, e têm affirmado, que

o Papa não foi menos perverso, nem menos hediondamente devasso que o militar e o moço cardeal. Temos de insistir n'este ponto, ainda que nos custa levar os leitores para estas alfaques da mais audaciosa calumnia; perdoemol-o, que revolvamos esta immundicia para defender a verdade e vingar a memoria d'um Pontifice indignamente ultrajado. Ha operações, que é preciso fazer, apesar do desgosto que nos inspirem.

Dizem os que accusam de immoralidade Alexandre VI, que levou para o throno pontificio os costumes da sua mocidade; que Vannoza foi para Roma para junto d'elle; narram scenas vergonhosas de cortezãs admittidas nos festins do Papa; e finalmente, não recuam diante das accusações de incesto e pretendem manchar a memoria do pai com os crimes da filha ou supposta filha Lucrecia Borgia.

Thomaz Tomasi e Burchardo, se é que se pôde attribuir a este quanto se lê no *Diario*, editado por protestantes, contam que, enquanto esteve em Roma o exercito francez e durante a invasão de Carlos VIII, os soldados debandados furtaram o que havia no palacio de Vannoza, levando quanto ella amontoára desde o pontificado de Calisto até ao de Alexandre VI. Ora havia já decorrido muito tempo, depois que Vannoza ou Julia Farnezo tinha deixado de figurar e provavelmente tinha já morrido; nenhum historiador conta que ella assistira em Roma ao triumpho de Alexandre VI; nem Guichardino, nem Lavigne, nem Commynes, que estavam então em Roma com Carlos VIII, dizem uma palavra sequer do que a este respeito é narrado por Burchardo e Tomasi; Sannazar e Pontano, que não poupam Alexandre VI, guardam igual silencio sobre isto, que, a ser verdade, era incrivel não o haverem aproveitado os cardeaes inimigos de Alexandre VI para o guerrear. E basta sobre este absurdo conto.

Mas imaginaram outro ainda mais espantoso. Quando Lucrecia Borgia casou com o duque de Ferrara, Alexandre VI mandou fazer festas esplendidas. Quando se celebrou este casamento, diz La Rochelle, (1) foi dado, no dia de Todos os Santos, no palacio sagrado, o famoso banquete das cincoenta cortezãs, no qual Alexandre, Cesar e Lucrecia, tiveram o prazer de assistir a uma scena vergonhosa, que recorda as abominações de Capreia.» Esta ultima palavra, que accudiu á penna do historiador, não lhe devia servir de jorro de luz? E, de feito quanto se conta de Alexandre VI e da sua familia

faz lembrar factio por factio as mais hediondas infamias dos Tiberios, Caligulas e Neros: mas é crível, é verosimil, que a christandade supportasse taes coisas a um Papa; que este Papa se podesse conservar em boas relações com a maior parte dos principes da Europa; que fosse escolhido para arbitro entre as duas corôas de Hespanha e Portugal, quando se fizeram grandes descobertas geographicas; que podesse governar tranquillamente em Roma, rodeado, como estava, de cardeaes pouco favoraveis á sua auctoridade, se elle tivesse commettido a centessima parte dos crimes e infamias de que o accusam? Mas estava completo o renascimento pagão no fim do seculo quinze e principio do dezeseis; mostram os escriptos de Luthero e d'outros reformadores, que vieram pouco depois, a que ponto chegára a licença da linguagem e a devassidão da imaginação. Engolphados na litteratura e philosophia pagã, poetas e escriptores, que haviam sido baptisados, não recuavam diante de nenhuma palavra ou ideia; alimentados e saturados de paganismo, conheciam melhor, que o Evangelho, as torpezas dos imperadores e obscenidades dos mais corruptos auctores da Grecia e Roma, não viam os eruditos d'aquelle tempo senão as abominações de Capreia e a litteratura corruptora dos antigos. Os que eram inimigos de Alexandre VI ou assalariados pelos inimigos d'elle, não tinham senão que dar a este Pontifice as immundicias, de que se alimentavam todos os dias; a sua imaginação fal-o-hia sem custo, era só recorrer á memoria. Alexandre VI era pomposo; gostava do dar festas esplendidas nas occasiões solemnes; tem-se insinuado que estas festas eram a repetição das de Nero e de Tiberio;— e Lucrecia era bella, pintaram-na impudica, e quando a malignidade publica pode imaginar então, todos os epigrammas, todas as supposições, adquiriram fóros de verdade historica, porque o Papado tinha inimigos por toda a parte, porque o protestantismo veio logo servir-se d'estas armas, que tanto lhe convinham, porque, finalmente, é a credulidade humana, que, pouco disposta sempre para acceitar a verdade, abraça pressurosa as mentiras, mormente as que offendem as coisas mais santas e mais respeitaveis.

Quando se pensa no que em nossos dias se diz na Inglaterra, França e sobre tudo na Italia, contra um dos mais virtuosos e mais venerandos Pontifices, que se tem sentado na cadeira de S. Pedro; quando nos vemos obrigados a lêr as paginas mais desenfreadas lançadas ás faces de Pio IX e de seus ministros por um Bianchi-Giovini, e outros que taes, não espantam as audacias dos calumnia-

(1) *Direitos da Santa Sé, Alexandre VI e Borgia.*

dores nem o seu poder, tão bem conhecido por elles, que até Voltaire, o mestre de todos os calumniadores, chegou a dizer: «Menti! Menti! que sempre fica alguma coisa.»

Qual era pois o modo de vida quotidiano d'este Pontifice, representado como possuido do demonio da voluptuosidade e da infamia? Em que passava o tempo este velho, que parece tão occupado em procurar o requinte do vicio? Eis o que é certificado e affirmado por aquelles mesmos escriptores, que fazem de Alexandre VI tão horrenda pintura:

«Alexandre VI tinha sessenta e um annos; não é esta, diz Rohrbacher, a idade das loucuras escandalosas; para o acreditarmos não bastam os contos e as satyras. O habito de sobriedade e trabalho, que se impoz, apesar da sua muita idade, protestam contra a reputação de voluptuosamente ocioso, que lhe querem dar; os meios energicos, de que se serviu contra os funcionarios provaricadores, testemunham o seu espirito de justiça. No tempo de Alexandre VI, diz Audin seguindo os escriptores contemporaneos, o pobre e o rico encontravam juizes em Roma; tanto os povos, como os soldados e cidadãos, eram muito affeioados ao Pontifice, porque tinha qualidades verdadeiramente reaes. *Só dormia duas horas; sentava-se á meza de jantar, mas como sombra e sem lá se demorar;* nunca se recusava a ouvir o pedido do pobre; pagava as dividas do devedor desgraçado e era inexoravel para o provaricador.» (1)

Não é assim a vida do devasso.

Mas até ousaram accusal-o de incesto; Alexandre e Lucrecia, pai e filha têm sido accusados d'este horrivel crime. João Joviano Pontano, secretario do rei Fernando de Napoles, escreveu o seguinte distico horrendo:

Ergo te semper cupiôt, Lucretia. Sextus;
O fatum diri numinis, hic pater est!

E attribue-se ao poeta Sannazar, tambem napolitano, o seguinte epitalphio de Lucrecia:

Hoc jacet in tumulo Lucretia nomine, sed re
Thais; Alexandri filia, sponsa, nurus.

Permitta-se-nos que não traduzamos estas infamias. Já sabemos demais para as julgar. O historiador protestante de Leão x, Roscoe, diz a proposito d'isto: «A licença do seculo, em que viveu Lucrecia, dá ás accusações d'este genero uma probabilidade que não teriam n'outros tempos; mas é de notar que a mentira e a calumnia eram os vicios, que especialmente reinavam então.» Fica completa a defeza de Ale-

xandre VI sobre este ponto, mostrando, como Roscoe, que Lucrecia Borgia não foi como a pintaram alguns poetas satyricos, servos dos principes inimigos dos Borgias, e alguns historiadores que se contentam com o *diz-se*.

(Continúa).

VICTOR

ou

ROMA NOS PRIMEIROS TEMPOS DO CHRISTIANISMO

PELO P. F. GAY

Tradução do Padre Lima

CAPITULO I

Karaktaco, rei dos Silures

(Continuação)

Todos estes vis aduladores, tão pouco habituados a encontrar homens de valor, não puderam deixar de admirar-se ante este rei, vencido é verdade, mas de tal heroicidade agora com as algemas nos pulsos, como o fora um dia com a corôa na cabeça.

N'aquelle dia Claudio achava-se, por casualidade, sob o influxo da clemencia; além d'isso, Agripina, que era senhora da vontade imperial, havia-se pronunciado a favor do rei vencido, e Claudio não podia já condemnal-o.

—Narciso, se bem me recordo, disse Claudio a seu liberto favorito, Alexandre Magno teve uma vez ante si um rei vencido, cuja nobreza e dignidade admirou. (Cabe aqui advertir, que Claudio presumia de saber a historia.) Parece-me que se chamava Poro.

—Vossa Eternidade (1) nunca se enganava, respondeu Narciso inclinando-se.

—Pois bem, Karaktaco, accrescentou Claudio dirigindo-se ao rei dos Silures; eu quero ser para ti o que Alexandre foi para o rei Poro, com quem te pareces na magnanimidade. Volta para teus dominios e occupa outra vez o throno; diz a teus subditos que os romanos costumam ás vezes portar-se bem com os vencidos, e não te esqueças nunca do compassivo imperador e da boa Agripina.

N'esta occasião o velho Cesar estava de bom humor, e a seus labios assomou como que um duvio sorriso: rarrissimas vezes se achava tão indulgente.

Acto continuo, lhe respondeu Karaktaco:

—De que me serve a liberdade e o

(1) Eternidade, é um título honorifico, que celebraram alguns imperadores romanos entre elles o imperador Constancio. (O Trad.)

throno, se meus filhos ficaram escravos: com elles a liberdade, ou com elles a escravidão e a morte.

—Minha clemencia para contigo vai ao extremo, Karaktaco: teus filhos ser-te-hão entregues; com a condição, porém, que d'aqui em diante não guerrearas contra Roma, antes em caso de necessidade a defenderás com teu dinheiro e soldados.

—Cesar, o rei dos Silures, pode comprometter-se a não pelear contra Roma; mas em quanto a obrigar meus soldados a combater conjunctamente com os teus, isso nunca o farei: importava isso o macular-se com um procedimento pouco leal. Estás em tempo: se não te agradam as condições que te proponho, podes mandar-me matar.

—Seja assim, disse Claudio; não te exijo senão a primeira condição; em quanto ao juramento, dispenso-t'o: equivalem-lhe as palavras que acabas de proferir. Ostorio, onde estão os refens da Gran-Bretanha?

—Os filhos de Karaktaco habitam na minha villa, (1) respondeu o general romano.

Então Claudio levantando-se e apoiando-se nos dous libertos, disse em tom solenne:

—Karaktaco, és livre. O palacio dos Cesares será tua habitação em quanto quizeres. Ostorio acompanhar-te-ha em Roma até ao dia, em que quizeres voltar á Gran-Bretanha. Depois de conheceres as maravilhas d'esta cidade, ser-te-ha menos sensível teres sido vencido por esta grande Roma, que todos os deuses protegem.

N'aquelle noite, como em muitas outras, a familia imperial deu um magnifico banquete, presidido por Agripina; a elle foi convidado e assistiu Karaktaco, acompanhado de seus filhos. Claudio, porém, não compareceu: comeu separado, para que os barbaros (assim chamavam os romanos a todos os estrangeiros) não presenciassem sua desmedida glotonaria.

Haviam decorrido poucos dias depois que o rei dos Silures e sua familia recuperou a liberdade, quando um joven, embuçado no seu palium, (2) se apresentou em casa de Ostorio e pediu para fallar a Karaktaco, que preferiu a villa do general seu vencedor, ao palacio dos Cesares.

Esta villa era situada ao norte de Roma, pouco distante da ponte Milvio. (3) Era um sitio ameno e encantador, no qual o rico patricio havia accu-

(1) As villas dos romanos são casas de recreio no campo. (O Trad.)

(2) Capa ou manto dos romanos.

(O Trad.)

(3) Hoje ponte Mollé, sobre o Tibre, celebre pela victoria de Constantino sobre Maxencio. (O Trad.)

(1) Audin, *Historia de Leão x*.

mulado tudo o que de rico e bom n'aquelle tempo se podia idear e produzir; jardim immenso, onde se encontravam innumeraveis viveiros com toda especie de animaes, tanques de marmore cheios de peixes que serviam já para comer, já para recreio do abastado senhor.

Por detraz do palacio, que era todo rodeado de columnas, havia uma graciosa casinha, destinada aos pavões reaes e rouxinões; os diversos esguichos d'agua e dois arrosinhos crystallinos que a cruzavam, conservavam-lhe uma constante frescura, e a verde folhagem das arvores, que a rodeavam, entrelaçadas com outras plantas aromaticas, deixavam ver pela sombra que faziam, aquellas inoffensivas aves tão commodamente aprisionadas.

Era aqui que, no estio, os senhores costumavam jantar ao meio-dia.

Aspirava-se aqui aquelle fresco agradável, que a agua comunica ao ambiente: o espesso bosque, impenetravel ao sol, recreava a vista, perscrutando-a do incommodo que costuma occasionar uma luz demaziado intensa, e o ouvido deleitava-se com o canto do rouxinol, com o murmúrio das fontes e com o ruído, que as aves aquaticas, causavam, de quando em quando, ao mergulhar-se nos tanques.

O joven romano, que temos mencionado vinha acompanhado de um escravo: Karaktaco pouco se demorou a apparecer-lhe recebendo-o de pé sob o grande portico do palacio.

—Rei dos Silures, eu te saúdo, disse o desconhecido, inclinando-se em attitude respeitosa. Permite a um dos teus admiradores, que hoje se diz já teu amigo, que te felicite por haveres escapado da crueldade dos romanos.

—Parece-me que te conheço. Não és tu o joven Flavio Sabino, tão considerado em Roma por sua probidade e virtude?

—Exactamente: sou Flavio Sabino; já nos encontramos outra vez n'uma reunião de patricios, depois de havermos brigado no campo da batalha.

—Justamente: recordo-me da tua bravura. Mas, para que vens tu agora visitar um rei vencido?

—Venho pedir-te um favor.

—Explica-te. Em que poderei servir-te?

—Sabes que Roma, querendo recompensar meus serviços militares, me deu tua filha por escrava; eu, porém, considerei-a sempre como filha de um rei, e dispensei-lhe todas as attensões e honras devidas ao seu nascimento.

—Obrigado, Flavio. Se algum dia chegares a ser pae, comprehenderás entãõ quanta é hoje minha gratidão para contigo.

—Pois bem, rei dos Silures; venho

pedir-te a recompensa do meu procedimento.

—É que recompensa queres?

—A mão de tua filha.

—Flavio! que pensar é o teu? Um romano casar-se com a filha d'um *barbaro*, de um vencido?

—Ah! Tu não sabes, Karaktaco, a amizade que tenho a tua filha, a quem desdenhariam os jovens patricios, só porque teve a desgraça de ser escrava.

—A escravidão da minha filha não significa senão, que o rei, seu pae, não tinha tantos soldados como Roma.

—Assim é; eu prefiro a ás mais nobres e ricas do imperio, porque conservava a innocencia da infancia, e tem uma alma elevada e um coração puro, em quanto que as filhas dos romanos se entregam desde a puericia á mais vergonhosa depravação. Pensa bem. . .

Flavio Sabino pertence a uma das principaes familias de Roma. Caligula, que dizimou os patricios, não ousou tocar nem a um só dos Sabinos. O monstro teve medo de sublevar contra si uma grande parte do povo. Se, pois, consentes na minha proposta, podes acreditar que me julgarei o mais ditoso e feliz dos homens.

—Não posso oppôr-me á tua felicidade, negando-te minha filha, respondeu Karaktaco, que já não tratava de dissimular sua satisfação; porque nem d'outro modo posso pagar o respeito e attensões que sempre lhe prodigalisaste. Se ainda ninguem teve poder para entregar-t'a em premio de tuas victorias, eu t'a dou em recompensa de tua honradez.

—Essa recompensa excede muito os meus meritos, ainda que reconheço, que nem com todo o ouro do mundo m'os pagarias. Karaktaco, eu primeiro guerreei-te como inimigo, depois admirei-te como guerreiro, mais tarde estimei-te como nobre e agora já te amo e respeito como pae.

Karaktaco inclinou a cabeça em signal de assentimento e disse:

—Eu tencionava desposar minha Ela com algum rei da Gran-Bretanha, não devo, porém, oppôr-me á tua pretensão, tão nobre e tão sincera. Estou persuadido tambem que minha filha será feliz contigo. Vem agora comigo; vamos participar aos meus dous filhos esta agradável nova.

Karaktaco e Flavio Sabino entraram para a *villa*, e encontraram n'uma das salas aos dous jovens, examinando as numerosas estatuas, que a adornavam.

—Apresento-vos, disse o pae, Flavio Sabino, noivo da vossa irmã.

Toffrid e Welfrid (eram estes os seus nomes) ao ouvirem estas palavras, ficaram immoveis, e fixaram no romano um olhar reflexivo, mas um tanto re-

Sabino, approximando-se, disse-lhes promptamente:

—Ella já vos ha de ter dito certamente, que a tratei sempre como pae, em quanto estive sob o meu poder.

—Disse, disse; respondeu Welfrid; mas eu estava muito longe de pensar, que um romano. . .

—Pois quê! pensas que sou indigno de fazer parte de tua familia?

—Oh! não, Flavio; replicou Toffrid, já mais aquietado da sua primeira commoção; tu mereces ser nosso irmão; conheço de sobra tua nobreza e virtudes; perdoa-nos este primeiro momento de surpresa: não significa nada que te seja desfavoravel, não.

—Espero, disse Karaktaco, que minha Ela, ao desposar-te, te dará em recompensa a corôa da candura e da virtude que refulgia na frente de sua mãe.

E o ancião enxugava a furto uma lagrima, que lhe assomou aos ollos.

Flavio Sabino disse então:

—E eu, ó meu pae! (consente que agora te chame assim; mesmo até porque já ha muitos annos fiquei orphão); eu espero que Ella ha de ser tão feliz, quando fôr minha esposa, que até não ha de estranhar o viver longe da patria.

N'este momento appareceu Ella, que vinha procurar seus irmãos; o patricio, surprehendido, recuou modestamente dous passos.

Ella tinha em sua physionomia todos os traços peculiares das filhas do norte; a mesma pallidez do rosto, augmentada pelas dôres do exilio e da morte da mãe, longe de afiear sua belleza, dava-lhe até maior realce. Approximou-se do pae, apresentou-lhe a frente, que elle beijou visivelmente comovido, e sorrindo-se carinhosa para seus irmãos, que a olhavam silenciosos.

—Minha filha, disse Karaktaco, conheces este senhor, que veio visitar-me?

—Certamente é romano, respondeu a joven com accento de mal dissimulado desdem.

Flavio Sabino empallideceu.

—Mas inteira-te de quem é, replicou o ancião; has de conhecê-lo.

Ella levantou os olhos e de repente suas faces se ruborisaram. Depois approximando-se de Flavio:

—Oh! sim, já vos conheço, meu nobre senhor; desde o dia, em que me recebestes em refens, até que me restituistes a minha familia, fostes meu protector, quasi meu pae. Consenti que vos expresse minha gratidão na presença de meu pae e de meus irmãos.

—Ella, respondeu Flavio; mal sabes quanto estimo saber que tens conservado em teu coração tão gratas reminiscencias.

—Pois bem, minha filha; se Flavio

Sabino não te é indifferente, annues a voltar para seu palacio, não já como escrava, mas como senhora? Queres ser esposa de Flavio?

—Eu! exclamou Ela surprehendida e admirada. Eu, esposa de um romano?

—Seu nobre procedimento exige-o d'algum modo: depois de tantas desgraças a sorte te protege, e a gratidão te força a ser feliz.

—E' que, despresando o romano devemos attender só ao protector generoso e ao homem probo?

—Exactamente, minha filha; este enlace agrada e é da vontade de teu pae e de teus irmãos; nada receies; o romano que soube respeitar a escrava, ha de respeitar e amar a esposa. O procedimento de Flavio é para nós a me-lhor de todas as garantias. Minha filha, casa com Flavio; pertences-lhe de hoje em diante.

A feliz Ela approximou-se do patri-cio e estendeu-lhe a mão. Flavio, tirando do bolso um rico collar de perolas botou-lh'o ao pescoço.

Passados momentos retirava-se com o coração a trasbordar d'alegria, em quan-to que o rei dos Silures voltava ao in-terior da *villa*, acompanhado dos seus dous filhos.

Dez dias depois, Karaktaco e seus dous filhos Toffrid e Welfrid retiravam-se de Roma, montados em cavallos rica-mente ajaezados, e escoltados por um piquete de soldados romanos. Adiante d'elles ia Flavio Sabino, que havia obtido do imperador licença para acom-panhar os principes do Norte até aos confins da Gallia. Sua joven esposa ia n'uma liteira, no centro do cortejo.

Quando chegaram ao termo conven-cionado, Ela, cedendo á dôr da separação, augmentada com a recordação inevitavel de anteriores infortunios, não pôde deixar de derramar copiosas lagrimas: depois, havendo perdido já de vista a seu pae e irmãos, dirigiu-se a Roma com seu esposo Flavio Sabino. Foi então, que os caudillos dos Silures reconquistaram seu reino pelejando nos campos da grande ilha.

(Continúa).

Secção Bibliographica

OS ULTIMOS TRINTA ANNOS

Sob este titulo publicou o notavel historiador Cesar Cantu a continuação da sua historia universal, que deixára suspensa em 1848. Abrange, pois, este seu ultimo trabalho os annos de 1848 a 1878, os mais interessantes por sem duvida, os mais prenhes de notaveis acontecimentos d'este seculo.

O 1.º fasciculo, que temos á vista, abre com a biographia do sabio escri-

ptor, e em seguida a ella lê-se uma introdução na qual o auctor condemna o modo pouco delicado com que a es-tulticia d'um escriptor portuguez se pro-poz a *reformatar* o seu trabalho de tan-tos annos, e perante o qual os sabios de todas as nações se teem curvado.

«Julguci dever meu (diz Cesar Can-tu) protestar contra essa tão pouco li-beral invasão no meu campo moral, in-vasão muito mais flagrante por me achar ainda vivo; e d'ahi nasceu a ta-refa que me impuz eu proprio, n'estes meus provecos annos, quando, dissi-padas as nevoas das vaidades, só avul-tam aos meus olhos as grandezas ver-dadeiras: resolvi-me a continuar a tra-ção da obra, que foi o desvelo e o en-sino, o martyrio e o conforto da minha idade viril, e ao mesmo passo tanto serviu de materia prima a outros li-vros, meus e alheios.»

Depois principia a historia dos ulti-mos trinta annos, escripta com esse es-pirito de verdade e clareza, que se nota em todas as obras d'este esclarecido historiador. A traducção é feita sobre a 4.ª edição de Turim pelo Visconde de Castilho, e revista pelo auctor; é esta a melhor garantia que pode ter uma publicação.

Recommendar aos leitores do *Pro-gresso Catholico* a aquisição de tão im-portante publicação, quando no nosso paiz se fizeram já duas edições da *His-toria Universal* do mesmo auctor, é ta-refa, ao que nos parece, desnecessaria, porque bem conhecidos são já entre nós os trabalhos litterario-scientificos do a-uctor dos *Herjes*.

O nosso fim, ao traçar estas linhas, é só annunciar a apparição da obra, e agradecer ao editor a sua offerta.

Reservamos para mais tarde nos oc-cuparmos de novo d'este assumpto.

PRIMER DICCIONARIO GENERAL ETI-MOLÓGICO DE LA LINGUA ESPAÑOLA.

Recebemos de Madrid o primeiro fasciculo d'este notavel dictionario, que vem preencher uma lacuna assás sa-liente no gabinete dos hespanhoes es-tudiosos. E não é só entre os filhos da Hespanha que a falta de um dictiona-rio como este de que nos occupamos se fazia sentir, tambem em Portugal se ella notava, o é por isso que nós d'elle nos occupamos. E para que se possa ajuizar do seu valor, aqui damos trans-cripto parte do programma:

El *Primer Diccionario general etimo-lógico*, contiene:

1.º La difinicion de todos los voca-blos de la lengua que se hallan en el Diccionario de la Real Academia es-pañola, segun los textos y ortografia de aquel Diccionario.

2.º La procedencia etimológica de

todas las voces, cuyo origen no se ha perdido en la oscuridad de los tiempos.

3.º La sinonimia de los vocablos en articulos importantes.

4.º Cierta caudal de voces nuevas, que se usan en todo el mundo, como pertenecientes á la erudicion universal, en las cuales tiene igual parte la lite-ratura de todos los pueblos.

5.º Definicion y explicacion etimo-lógica del lenguaje técnico, en ciencias, artes, comercio, industria y officios.

Esta obra se publica por cuadernos semanales de quatro entregas cada uno, constando cada entrega de 8 páginas en folio, con 24 columnas de impres-ion compacta, al precio de un real la entrega en toda España.

Recebe desde já assignaturas para esta publicação a livraria editora do *Progreso Catholico*.

ATRAVÉS DO CONTINENTE NEGRO

Está já publicado o 18.º fasciculo d'este livro, escripto pelo notavel ex-plorador inglez Stanley, e publicado na nossa lingua pela empresa *Horas de Viagem*. De todas as publicações que se tem feito n'este genero, quer-nos pa-recer que é esta a que mais merece dos amadores, e por isso mais uma vez a recommendamos.

NOVISSIMO DICCIONARIO ORTOGRA-PHICO E PROSODICO DA LINGUA POR-TUGUEZA.

Recebemos o fasciculo n.º 9 d'ete dictionario, que se anda publicando em Lisboa, e está já em paginas 360. E' auctor d'este trabalho o snr. Gaspar Alvares Marques, que o é tambem do *Vocabulario orthographico da lingua portugueza*.

Assigna-se no escriptorio da Empre-za, Santa Justa, n.º 95, 1.º, Lisboa, e nas livrarias do paiz.

BOLETIM DE BIBLIOGRAPHIA POR-TUGUEZA E REVISTA DOS ARCHIVOS NACIONAES.

Agradecemos a valiosa offerta do 1.º numero do 2.º volume d'esta curiosa publicação, dirigida pelo snr. J. A. da Graça Barreto e A. Fernandes Thomaz.

Desconhecer as vantagens que ao ho-mem estudioso podem advir d'esta no-tabilissima publicação, o mesmo seria que negar os favores prestados ao cego por quem vê o caminho que trilha. Dar conhecimento do que se esconde aos olhos da maior parte dos amadores, por de traz do pó que os seculos amontoa-ram sobre os livros manuscritos esta-cionados nas bibliothecas, tal o fim a que se propõem os directores do *Bole-tim de Bibliographia portugueza e Re-vista dos Archivos nacionaes*.

O escriptorio da redacção é na villa de Louzã, correio de Coimbra.

HISTORIA DA AMERICA PORTUGUEZA
Desde o anno de 1500 do seu descobri-
mento até o de 1724

Rareava assaz no nosso mercado este importante livro e por bom preço era pago algum exemplar que apparecia. Por isso bom serviço prestou quem tomou a seu cargo o lançar ao mundo das letras patrias a segunda edição, de que recebemos o 1.º fasciculo, que agradecemos ao editor lisbonense o snr. Francisco Arthur da Silva.

O auctor Sebastião da Rocha Pitta apresenta-nos no seu livro a mais bella narração da America portugueza, d'esse torrão coberto de verdores, regado por caudalosas correntes de crystal, que os nossos maiores descobriram e povoaram, tornando-o o mais formoso florão que brilhava no diadema dos nossos reis, e que mãos, que a patria e a historia devem maldizer, arrancaram d'esse diadema para ornar com elle outra fronte que não a do guerreiro de Ourique e do Aljubarrota.

Leiam este livro todos os portuguezes e saberão:

«Que rico reino se formára
Do pedaço que á patria se tirára.»

É fielmente copiada esta da 1.ª edição e ornada com bellas gravuras. Custa a obra completa 1\$500 reis.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA E ESTRANGEIRA

Sob o titulo que encima estas linhas publica o snr. Ernesto Chardron uma revista mensal, que tem por fim annunciar as suas edições e recopilar o que d'ellas dizem os jornaes.

Na capa principia, (na folha da frente) por annunciar as seguintes obras, que o seu zelo, incançavel na divulgação de boas obras, o levou a editar:

Eça de Queiroz

O MANDARIM

O PRIMO BAZILIO

O CRIME DO PADRE AMARO

Os dois ultimos já nós conheciamos como uma das mais infamissimas publicações que se tem feito em Portugal; mas do primeiro não sabiamos nada, e tinhamos já um bilhete feito para o mandar pedir: queriamos ver o que o snr. Eça nos dava á ultima hora. Depois de ter o bilhete feito folheamos o tal numero da *Bibliographia*, e deparamos com as apreciações da imprensa livre a proposito do *Mandarim*. Lemos, e damos a ler ao leitor o seguinte bocadinho, do juizo que faz a *Voz do Povo*: «... não, o *Mandarim* do Eça de Queiroz é patusco e chibante, irrequieto

e espirituoso, com os seus laivos a moralista, o que não tira que seja tambem uma iguaria estimulante, apimentalissima.

E depois o editor, Ernesto Chardron, ataviou-o de tal maneira!... Tudo n'este livro attrahe, seduz, arrebat... Mas cautela, leitor, se tens cara metade não lho deixes profundar certos mysterios que o author nos desvenda ainda que parcimoniosamente... Não lho deixes ter as *rêveries* da esposa Camilloff, uns ideaes que terminam sempre na espessura verde de um caramanchão...

E' um conselho, conselho que podes accitar ou desprezar segundo o teu alvedrio.»

Como o leitor pode suppor, á vista do juizo da *Voz do Povo* já não carecia do livro, e inutilisci o bilhete postal, que ia incommodar um amigo portuense para me comprar o *Mandarim*; e o leitor, fica, sem a minha opinião, a conhecer o livro, que é digno dos dois que o snr. Chardron havia editado do mesmo auctor.

Não seremos nós que censuremos o editor snr. Chardron por dar á estampa d'estes abortos da nossa pobre litteratura, por que cremos que o snr. Chardron não viria de França a Portugal senão para ganhar dinheiro; o nosso fim ao occupar-nos d'este assumpto é só para ter prevenidos os nossos leitores, para que não vão, arrastados pelo que escriptores auctorisadissimos, do campo catholico, tem dito do supradito editor, julgar que todas as suas edições são boas, e cahir na desgraça-la esparrela de, á custa do seu dinheiro, comprar um livro que lhe leve para o seio da familia as ideias mais extravagantes, as doutrinas mais nefandas, que já-mais a perversidade vomitou nas paginas de um livro.

JORNAES

Recebemos a visita dos jornaes *O Elvense* e *A Vanguarda*, que muito agradecemos, e mandamos a ambos o 1.º e 2.º numero do 3.º anno do *Progresso Catholico*.

Tambem recebemos o 1.º numero do *Novo Rebate* e *Jornal das Damas*, que agradecemos tambem e de que nos occuparemos no proximo numero.

F. DE GUIMARÃES.

Retrospecto da quinzena

Ao passo que o governo da França republicana expulsa as ordens religiosas, fecha as portas das casas onde se albergava a sciencia e a virtude, deixa que nas ruas campeio infrene a onda revolucionaria.

Eis o que nos dizem os jornaes de

Pariz, da primeira cidade de França, do imporio da *civilisação*:

«As ruas mais frequentadas de Pariz são theatro diariamente das scenas mais ascorosas, que se representam com desprezo do pudor dos transeuntes.

O pao de familia que, acompanhado por suas filhas, e esposa, atravessa os boulevards é assaltado por uma turva de vendedores de periodicos e outras publicações, adornadas de gravuras e debuxos, cujos nomes a penna se recusa a escrever.

E a policia, ou porque tem ordem para fechar os olhos, ou porque tem de empregar-se em perseguições de outro genero, assiste a estas scenas horrosas, em meio d'um indifferentismo espantoso.

E' a escola da obscenidade apresentada em meio das ruas da capital da Europa.

Onde irá isto parar?»

Emilio Castellar, fallando acerca das questões que agitam a França, disse:

«Em nome da liberdade religiosa, em nome do direito individual, por amor ao principio de associação, nós permitiremos aos seres desgraçados, desiludidos do mundo e possuidos do desejo da morte, que se abracem, se assim o quiserem, á cruz do Salvador, como a hera se enlaça com a arvore, e que esperem a hora do julgamento derradeiro, se lhes agrada, envoltos no habito monastico e estendidos sobre o frio lagedo do claustro até que se lhes evolva a existencia como nuvem de incenso na immensidade dos ceus. Se o nosso respeito pela liberdade dos outros nos impede de enfrear-lhes o interesse, o credito, o lucro, elle nos tolherá tambem de pôr embaraços á oração, á piedade, á penitencia. Só vivendo-se, como eu tenho vivido, no seio de democracias tão avançadas como a dos suissos, é que pode chegar a comprehender-se quanto a fé religiosa pode contribuir para consolidar a verdadeira liberdade.»

Não são da mesma opinião os republicanos francezes, portuguezes, etc., etc., porque esses, bom mais *civilizados* que o grande orador peninsular, não se curvam perante as mais rudimentares noções de liberdade; estes querem em nome da liberdade, fazer triumphar a mais torpe das tyrannias.

Porém contra a prepotencia d'um governo que impelle a França para a borda d'um abysmo medonho, protesta tudo que ha de grande, nobre, e livre na patria de S. Luiz. Vejamos:

«A execução dos decretos de 29 de março levou um certo numero de jurisconsultos catholicos dos auditorios de Pariz, Lyon, Toulouse, Bordous, Lille, Nantes, Angers, Tours, Le Mans, Rennes, Amiens, etc., etc., a reunirem-se

em Perigueux, sob a presidencia do sr. Luciano Boun, senador, para estudarem sob o ponto de vista juridico, os direitos do estado em materia de associacão.

Depois de demorados debates os mesmos juriscultos redigiram e votaram a seguinte declaracão:

«Os juriscultos de todos os auditorios da Franca, foram convocados para estudarem, sob o ponto de vista juridico, as questões relativas á liberdade religiosa e aos direitos da Egreja e do estado em materia de associacão.

Reunidos em grande numero, sob a presidencia do sr. Luciano Boun, senador, e sob a presidencia honoraria de monsenhor bispo de Perigueux, trataram dos perigos que ás congregacões religiosas ameaçam os projectos de lei que, em consequencia d'aquelle de que é auctor o sr. Dufaure, deviam ser submettidos ás camaras, quer por iniciativa parlamentar, quer pelo governo.

Esses novos projectos tinham em vista excluir do direito *commun* as associacões religiosas e impôr-lhes condicões particulares e restricções d'uma severidade excepcional.

Depois de haverem demonstrado que semelhante legislacão está em contradicção com os principios mais rudimentares do direito natural e com a doutrina catholica, os juriscultos, reunidos, examinaram-na sob o ponto de vista exclusivamente do actual direito francez, e, reunindo as suas declaracões, formularam o seguinte:

1.º Não existe hoje lei alguma que prohiba os votos religiosos; nenhuma lei que recuse aos que se acham ligados por esses votos o direito de viverem em *commun* no mesmo domicilio;

2.º A questão porém só poderia ser resolvida pela auctoridade judicial;

3.º Toda a disposicão legislativa que tivesse por fim collocar fóra do direito *commun* e castigar por qualquer fórma um cidadão francez pelo facto de se achar ligado por compromissos puramente conscienciosos, seria injusta e tyrannica. Violaria os principios essenciaes do nosso direito publico, de liberdade de consciencia e livre exercicio da religião catholica, a egualdade perante a lei.

E' do dever dos juriscultos protestar contra esta escandalosa violacão do direito. E' do dever dos cidadãos combater por todos os meios legitimos uma tentativa cuja realisacão seria uma vergonha e uma calamidade para a nação que a tolerasse.

O presidente da reunião, Lucien Boun senador. O relator da 2.ª commissão, G. Thery, advogado em Lille.»

O *Primeiro de Janeiro*, jornal que se vende nas ruas a 10 réis, no seu numero 246 d'este anno, e como introduc-

ção aos annuncios, diz aos seus leitores o seguinte, com referencia á noticia que acima publicamos, e que elle se absteve de dar:

«Estes rebates da consciencia... politica figuram-se-nos um pouco tardios. Acaso não bastaria a promulgacão dos decretos, ha mais de seis mezes, para que tão santa gente, tão escrupulosa e temente a Deus, se declarasse incompativel com um governo de descridos? Entretanto, mais vale tarde que nunca, e muito bem fará o gabinete Ferry em substituir immediatamente os funcionarios que so demittem para maior proveito das suas almas em perigo de perder-se.»

O que vale ao citado auctor é ter graça no que escreve, que se não fosse assim era de se dizer que elle pertence ao mesmo grupo dos Ferry. Mas qual!... era lá possível!

Podia lá ser! O *Primeiro de Janeiro*, esse jornal que tantos sermões de moral nos prega de vez em quando, havia de ser da laia dos Ferry! Ainda não ha muitos dias que elle, que pouco mais atraz fizera côro com os collegas para infamar a reputacão das irmãs hospitaleiras, publicou um artigo acerca dos desmandos do jornalismo portuguez, artigo que nós, ou qualquer jornalista dos que não militam sob as bandeiras da liberalada, não teriamos duvida em subscrever, para stigmatizar os desmandos do proprio *Primeiro de Janeiro* e companhias. Podia lá ser!

Ora leiam o que diz o dito:

«Em todos os tempos tem havido polemicas ardentes na imprensa. As grandes luctas politicas reflectem os seus ardores, ainda mais do que na tribuna parlamentar, no jornalismo. Temos visto grandes paixões desafogarem-se em grandes coleras, e por vezes affirmarem-se em grandes injustiças. Mas n'esse pelear havia sempre uma elevacão de pensamentos, e mesmo de linguagem, que bastavam a resalvar a dignidade da instituicão. O que, porem, nunca até agora se vira, é este rebaixamento de palavra, acompanhando uma tal pobreza de educacão politica e scientifica. O primeiro valio apanhado nas ruas é guindado a escriptor politico. Não se lhe pedem habilitações de nenhum genero. Como saiba enfiar insolencias desabridas, e tenha d'ellas um vocabulario sortido, isso basta. Assim ó, que havendo tantas questões graves de governo a discutir, escusado se torna procurar n'essa imprensa uma ideia de critica e elementos aproveitaveis de discussão. Não critica, não discute, porque não sabe, nem é essa a sua missão. Só do que trata é de agredir, e quanto mais desabridamente

o faz, melhor corresponde á sua indole e propositos.»

Mas isto, leitores, é a proposito, talvez, de alguma berreira contra o governo progressista, de que o *Primeiro de Janeiro* é thuriferario; porque, desculpem-nos o conceito que nos merece o tal jornal, se calumniassem um padre, se insultassem o chefe da Egreja, etc., etc., provocava lá um artigo de tal ordem!?

Da Madeira são gratas as noticias que os periodicos nos trazem referentes á saude do ex.º e rev.º sr. D. Manuel Agostinho Barreto, benemerito Bispo do Funchal. A operacão a que S. ex.ª rev.ª se sujeitou foi coroada dos melhores resultados, com o que sobremodo nos congratulamos, unindo as nossas ás vozes d'alegria com que os madeirenses exultam e agradecem a Deus as melhoras do seu illustre prelado.

Escutemos a *Verdade* para se avaliar do contentamento d'aquelle povo:

«A alegria cresce de dia para dia com as noticias das progressivas melhoras que o illustre enfermo tem experimentado depois da operacão e que fazem esperar um prompto restabelecimento.

«O amor que prende o Pastor ao seu rebanho e o zelo e cuidado com que S. Ex.ª olha pelos negocios da sua diocese, detiveram-no na resoluçã de fazer uma viagem á capital do reino, ou a qualquer paiz estrangeiro.

«E bom foi que n'esta terra encontrasse S. Ex.ª um meio de debellar o mal som se apartar dos seus queridos diocesanos.

«Quando os padecimentos de S. Ex.ª se aggravaram, manifestou-se então claramente o amor dos madeirenses para com o seu illustre chefe espirital. Quasi todos os moradores da cidade procuravam informar-se com interesse do seu estado.

«A's egrejas e á meza Eucharistica correram muitos fieis para pedirem a Deus o prompto restabelecimento de S. Ex.ª Rev.ª»

«Ao céo levantaram-se então muitas mãos supplicando ardentemente o bom exito da operacão.

«E o Senhor, sabendo quanto tinha sido fructuoso o apostolado do seu unigido, o quanto a preciosa vida d'elle era necessaria á sua Egreja ouviu os rogos dos filhos afflictos, que pediam a saude e a vida para seu dedicado paço espirital.

«Nas egrejas da cidade e do campo pediam os sacerdotes todos os domingos orações aos fieis pelo completo restabelecimento do Prelado. E' certamente digno d'estas e muitas outras demonstrações de affecto e de amor filial, prestadas espontaneamente n'esta occa-

sião pelos habitantes d'esta Ilha, o sollicito Pastor que o céo nos concedeu.

«Que zelo, que interesse e que amor entranhavel tom S. Ex.^a mostrado pelo rebanho que lhe foi confiado!!

«A Madeira é já a terra predilecta do Sr. D. Manoel Agostinho Barreto, que como verdadeiro successor dos Apostolos, deixou a patria, familia e amigos para, n'esta Ilha levantála no meio das soledades do oceano, presidir aos destinos da Igreja de Deus.

«Unindo-nos ao sentimento geral, damos graças ao céo por se terem dissipado os receios e temores que assaltaram os madeirenses ao aggravarem-se os padecimentos do Prelado e ao verem que S. Ex.^a tinha de sujeitar-se a uma operação delicada.

«E agora é nosso dever juntar aos louvores e acções de graças pelo beneficio recebido, novas supplicas ardentes pelo prompto e completo restabelecimento de quem tão dignamente occupa o solio episcopal d'esta diocese, para que em breve a sua veneranda presença anime as festas religiosas e a sua voz auctorisada e unguida resôe nas paredes do sanctuario.

«Ao sr. Dr. Machado enviamos sinceros parabens pelo feliz exito de tão importante e delicada operação.»

Os jornaes *liberes* quasi todos (incluindo o *Janeiro* n.º 1) deram ha dias a seguinte noticia:

«Communicam de Braga que chegou ali a superiora das irmãs hospitaleiras —irmã do snr. conde da Redinha—para inspeccionar os differentes hospitaes e asylos cujo serviço é feito por irmãs da caridade.»

Esta noticia, dada assim sem *apparato*, parece não ter em vista outra coisa que... dar uma noticia; não é assim, leitores?

Mas não. O snr. conde da Redinha, se nos não enganamos, é o chefe do partido legitimista em Portugal, e dizendo-se que uma sua irmã é superiora das irmãs hospitaleiras, tom-se em vista dizer, que aquella instituição tem o seu *quê* de politica. Nós não somos prophetas, mas cremos que se não teve outra coisa em vista ao dar tal noticia, jámais por sabermos que o snr. conde da Redinha não tem irmã alguma que pertença ao instituto das hospitaleiras, o que provamos com a seguinte noticia que nos dá o ex.^{mo} snr. D. Antonio d'Almeida:

«O snr. conde da Redinha teve por irmã a snr.^a condessa de Sampaio, falecida ha mais de 20 annos, e tem por irmã a ex.^{ma} snr.^a D. Maria Ignez de Carvalho Daun e Lorena, casada em primeiras nupcias com o ex.^{mo} snr. Antonio de Brito, e em segundas com o ex.^{mo} snr. D. Salvador Manoel de Vi-

lhena, actual juiz de direito em Mafoz, onde reside, como é natural, com sua ex.^{ma} esposa.»

Ahi fica desfeita a petarola sem grande trabalho.

Que ratões!

Podia ser um engano; lá isso podia! Quem se não engana n'este mundo!

Nós mesmo vimos hoje pedir aos nossos leitores a graça de nos desculparem d'un erro em que estavamos. Julgamos que esses sujeitorios que por ahi, por esse mundo de Christo se appellidavam democratas, eram unicamente partidarios d'uma forma de governo sem ser presidida pela pessoa d'un monarcha, e fomos agora, pela carta que em seguida transcrevemos d'un jornal estrangeiro, que os taes amigos tambem são mações, isto é, tambem são dos tres.º

«O «Correio de Bruxellas» reproduz uma circular do Grande Oriente da Italia, endereçada a todas as lojas masonicas e ás delegações da «Italia irredenta». N'esta circular figura uma carta ao Ven.^o F.^o Léon Gambetta. Eis a missiva do general:

Caprera, 4 de setembro de 1880.
Ven.^o Fr.^o

As cem cidades italianas foram convidadas por intermedio das suas delegações a estar promptas a oppor-se resolutamente a uma alliança com a Alemanha e a Austria, o esperamos que d'esta vez ainda, como em 1870, se respeitará o voto popular.

Faremos tudo o possivel para que os inimigos da alliança italo-francez sejam esmagados pelo voto unanime da nação, que é absolutamente contraria aos allemães.

N'estas circumstancias, não se farão barricadas na Italia, mas se os nossos perseguidores quizerem levar-nos a extremos, deverão arrender-se.

Em nome de toda a democracia italiana agradecci, Ven.^o Fr.^o, á democracia franceza, e persuadi-a com a vossa eloquencia admiravel de que nós aceitamos de todo o coração os seus conselhos e o apoio que ella nos prepara.

Assim, não tememos a aproximação dos dois imperadores e dos seus dois chancelleres, porque o nosso seculo não soffre as injunções arbitrarías e brutaes da força.

Viva a França e a alliança italo-franceza!

Vosso por toda a vida

Giuseppe Garibaldi.

E os jesuitas no palacio comprado em Lisboa? Nada!

J. DE FREITAS.

A caridade dos nossos assignantes

Nas proximidades da praia da Apulia jaz no leito da dôr um pobre entrevado, Manuel Gonçalves Campos, que ha seis annos fôra privado de todo o movimento das pernas. O infeliz tem uma esperança, a unica que todos os catholicos teem no momento das grandes calamidades: confia na protecção d'Aquella que, sendo rainha dos Anjos, é mãe de todos nós.

Lourdes, esse vastissimo templo que tem testemunhado os hymnos de festival alegria com que o mundo tem saudado a Virgem Immaculada após milhares de milagrosas curas, é onde o infeliz espera encontrar remedio para seus males. Mas, como realizar este desejo, este continuo anhelado d'umo alma crente? Como, se o infeliz é pobre e Lourdes fica na fronteira da França?

E' para vencer esta difficuldade que nós nos dirigimos aos leitores do *Progresso Catholico*, e a caridade, essa formosa flor que brota unicamente nos jardins cultivados pelo Christianismo, não deixará de offertar algumas de suas petalas a um infeliz que tem toda a confiança na protecção divina.

Fica pois aberta n'esta redacção uma subscripção para ajuda das despezas da viagem que um nosso irmão se propõe fazer no proximo mez de maio, podendo qualquer quantia ser-nos enviada.

Padre Joaquim José Soares... \$500

Aos nossos collegas que festejaram o segundo anniversario do «Progresso Catholico»

a redacção agradecida.

EXPEDIENTE

Historia de Pio IX

Esta importante publicação, que disseramos principiaria em outubro, só principiará em janeiro proximo. A demora na recepção de alguns documentos pedidos para Roma, motivou esta resolução. Continua portanto aberta a subscripção.

Um pequeno incommodo, que nos deteve no leito alguns dias, impediu que fossemos promptos em satisfazer a todas as requisições que nos foram feitas deixando de cumpril-as logo, como é costume nosso. Pedimos desculpa d'estas faltas involuntarias, e como estamos livre de perigo, louvores a Deus, encetamos de novo o regular expediente de nossa empreza.

TEIXEIRA DE FREITAS.

IMPRESSA COMMERCIAL

DE

SANTOS CORREA & MATHIAS